

CONCEPÇÕES DE FAMÍLIA NOS ENUNCIADOS DE DOIS DOCENTES DA EDUCAÇÃO BÁSICA: UM ESTUDO CRÍTICO DO DISCURSO

FAMILY CONCEPTS IN THE ANNOUNCEMENTS OF TWO TEACHERS OF BASIC EDUCATION: A CRITICAL STUDY OF DISCOURSE

Márcio Evaristo Beltrão*

Solange Maria de Barros**

RESUMO: Este trabalho propõe analisar enunciados de dois professores da rede pública de ensino da cidade de Cocalinho-MT acerca do conceito de família que cada um possui, por meio do significado representacional do discurso (FAIRCLOUGH, 2003). Como instrumento metodológico, é utilizada a Análise Crítica do Discurso (FAIRCLOUGH, 2003) e a Linguística Sistêmico-Funcional (HALLIDAY, 1994). Os resultados obtidos apontam que a participação em um curso sobre diversidades contribuiu para desestabilizar o posicionamento de um dos professores, que começou a perceber outras formas de união afetiva que não seja a heterossexual.

PALAVRAS-CHAVE: Família. Análise Crítica do Discurso. Linguística Sistêmico-Funcional.

ABSTRACT: This paper proposes to analyze the statements of two teachers of the public school of the city of Cocalinho-MT about the concept of family that each one possesses through the representational meaning of discourse (FAIRCLOUGH, 2003). As a methodological tool, the Critical Discourse Analysis (FAIRCLOUGH, 2003) and

* Doutorando em Estudos de Linguagem pelo Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagem da Universidade Federal de Mato Grosso (PPGEL/UFMT). É mestre em Estudos de Linguagem - Área de concentração: Estudos Linguísticos, pela Universidade Federal de Mato Grosso. É especialista em Linguística Aplicada: Ensino de Línguas, pela Faculdade Araguaia de Goiânia-GO (2013) e em Psicopedagogia Institucional e Clínica pela Faculdade Brasileira de Educação e Cultura de Goiânia-GO (2012). Possui graduação em Letras: Português, Inglês e respectivas Literaturas pela Universidade Estadual de Goiás, Unidade Universitária de Jussara (2008) e em Letras Espanhol pela UAB/PARFOR/UFMT, Campus de Rondonópolis-MT (2014). Atualmente, é professor efetivo de Língua Inglesa da Secretaria de Educação do Estado de Mato Grosso. Contato: marcioevaristobeltrao@hotmail.com

** Pós-doutorado na Universidade de Londres (IOE), sob a orientação de Roy Bhaskar. Doutorado em linguística aplicada e estudos da linguagem (PUC/SP). Estudos doutorais na universidade de Lancaster (Reino Unido), sob a supervisão de Norman Fairclough. Mestrado em Educação Pública pela Universidade Federal de Mato Grosso. Atualmente é professora efetiva do curso de Letras-Inglês da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT/CUR). Membro do grupo brasileiro sobre discurso, pobreza e identidade (CNPq), da Associação latinoamericana de estudos do discurso (ALED), da Rede Latinoamericana de estudos do discurso da Pobreza Extrema (REDLAD). Membro do Jornal de Linguagem e Sociedade (Papers on Language in Society), do Núcleo de Estudos da Linguagem e Sociedade (Nelis / UnB / Brasil). Membro da Associação Internacional do Realismo Crítico. Membro do Conselho Editorial do International Journal of Humanities and Cultural Studies (IJHCS).

the Systemic-Functional Linguistics (HALLIDAY, 1994) are used. The results show that the participation in a course on diversity contributed to destabilize the positioning of one of the teachers, who began to perceive other forms of affective union that is not heterosexual.

KEYWORDS: Family. Critical Discourse Analysis. Systemic-Functional Linguistics.

1 Introdução

Este artigo propõe analisar os enunciados de dois professores da rede estadual de ensino de Mato Grosso, residentes na cidade de Cocalinho, acerca de suas concepções sobre família. O objetivo do trabalho é analisar como eles compreendem as diferentes formas de constituição familiar atuais, por meio da transitividade dos processos, sob o viés teórico da Linguística Sistêmico-Funcional de (HALLIDAY, 1994). Além disso, busca-se identificar os discursos que dialogam nas práticas discursivas dos professores por meio do arcabouço teórico da Análise Crítica do Discurso (FAIRCLOUGH, 2003).

Para Hall (2003), a linguagem fornece material base para a construção de nossas identidades e é o único instrumento que temos disponível para trabalhar na melhoria das vidas de todas as pessoas. Nessa perspectiva, são relevantes as análises apresentadas neste trabalho em relação aos enunciados dos docentes da educação básica, pois buscamos compreender em que medida os discursos proferidos por eles sobre constituição familiar foram desestabilizados durante um curso de formação crítica — discursos esses que podem contribuir para práticas sociais que levam pessoas LGBT¹ à marginalização e ao preconceito.

As seções deste trabalho estão divididas em seis etapas. Inicialmente, apresentaremos breves comentários sobre os conceitos de família. Em seguida,

¹ LGBT (ou LGBTTTs) é a sigla de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais, Transgêneros e simpatizantes. Inicialmente, o termo mais comum era GLS; porém, com o crescimento do movimento contra a LGBTfobia e a livre expressão sexual, a sigla foi alterada para GLBT. Posteriormente, foi alterada para LGBT, posicionando a letra L para o início da sigla com o intuito de dar maior visibilidade às mulheres homossexuais. Por ser o termo atual oficialmente utilizado no Brasil (FACCHINI, 2009), utilizarei LGBT para me referir ao grupo de pessoas com orientações sexuais minoritárias e manifestações de identidades de gênero divergentes do convencionado ao sexo designado no nascimento.

contextualizaremos o processo da coleta de dados. Nas seções seguintes, conceituaremos a abordagem teórica metodológica da Análise Crítica do Discurso e da Linguística Sistêmico-Funcional, analisaremos as instâncias discursivas dos docentes participantes da pesquisa e, por fim, teceremos as considerações finais.

2 Concepções de Família

O modelo de família nuclear é aquele formado convencionalmente por pai, mãe e filhos/as (LÔBO, 2009). Ele é visto, segundo o autor, como um produto da sociedade moderna, pois a globalização e a procura persistente de relações pessoais e profissionais propiciaram que a família fosse constituída dessa forma. A passagem da família para a fase pós-nuclear conduziu o foco familiar que se assentava na estrutura for casal heterossexual e filhos/as para o indivíduo e suas relações familiares.

Para Vieira (1995), a constituição da família nuclear foi produzida pela modernidade, enquanto que a fragmentação desse modelo familiar seria decorrência da pós-modernidade. Segundo o autor, a família moderna não poderia ficar imune ao impacto trazido pelas mudanças sociais. Nas circunstâncias pós-modernas, os discursos sobre o casamento e a família são instáveis, influenciados por uma maior igualdade entre homens e mulheres, pela fragmentação social e individual e pelas mudanças extremamente rápidas. O que antes era visto como caótico e desordenado na família, hoje é considerado a emergência de novos padrões estruturalmente instáveis, marcados pela contingência, como separações, novos casamentos, uniões homoafetivas, filhos/as morando com o pai ou a mãe e convivendo com meios-irmãos, entre outros.

Dias (2009) argumenta que uma nova concepção de família é tida atualmente, formada por laços afetivos de carinho e de amor. Esse modelo foi se distanciando a cada ano do perfil de família formada organizada no sistema patriarcal. A família considerada moderna se pluralizou e não se restringe mais às famílias nucleares, pois hoje existem outros modelos como as famílias recompostas e as monoparentais, homoafetivas. Lôbo (2009) elucida que a família atual está matrizada por meio do

afeto, unida por laços de liberdade e responsabilidade e consolidada na simetria e comunhão da vida.

3 Análise Crítica do discurso e linguística sistêmico-funcional

Para Gouveia (2013), a Análise Crítica do Discurso faircloughiana (doravante ACD) é simultaneamente um método, uma abordagem, uma teoria e uma metodologia, dependendo da perspectiva de olhar que for adotada. O autor, apoiado em Fairclough (2001), afirma que ela é fundamentalmente uma metodologia de investigação social de base linguística, ou seja, um aparato teórico-metodológico que estuda a semiose em suas várias modalidades (verbais, visuais, entre outras), no âmbito de análises mais gerais do processo social.

O foco principal da ACD faircloughiana é a mudança social a partir da discursiva, considerando que ambas se implicam mutuamente. Além disso, propõe-se a discutir e problematizar os aspectos considerados opacos dos discursos no que tange às desigualdades sociais, o que destaca seu caráter emancipador. Resende e Ramalho (2006) asseveram que a ACD vem atraindo cada vez mais pesquisadoras/es tanto de Linguística Aplicada quanto de Ciências Sociais.

Na obra *Analysing Discourse*, publicada em 2003, Fairclough avança seus estudos e propostas que relacionam análise de textos com pesquisa social. O autor enfatiza que a pesquisa de cunho social para a ACD não se limita à perspectiva linguística ou à perspectiva discursiva, ou seja, ao texto em si ou ao discurso em relação a outros elementos da vida social, pois ambos estão interligados dialeticamente. Fairclough (2003) argumenta que a linguagem é percebida como parte irreduzível da vida social, dialeticamente interconectada a outros elementos sociais. Por isso, o contexto tem papel crucial em sua constituição.

Fairclough (2003) argumenta que o termo discurso pode ser compreendido em concepções diferentes, no singular e no plural. No primeiro, 'discurso' é tido como um substantivo abstrato, visto como um elemento das práticas sociais. Chouliaraki e Fairclough (1999: 21) afirmam que a vida social é formada por práticas que são

“maneiras habituais, ligadas a tempos e espaços particulares, nas quais as pessoas aplicam recursos (materiais e simbólicos) para atuarem juntas no mundo”.

Nesse viés, Fairclough (2003) conceitua discurso como formas de representar aspectos do mundo, como os processos, as relações e as estruturas do mundo material, do mundo mental e também do mundo social, relacionando-se com todos os elementos semióticos que integram a vida social. O autor ressalta ainda que os discursos não apenas representam o mundo como ele é, mas também suas representações possíveis, imagináveis e projetadas, as quais são diferentes do mundo atual.

Em uma perspectiva mais concreta, tratado como um substantivo contável e com base nos conceitos foucaultianos, o termo discurso é utilizado para se referir aos modos diferentes de significar e de estruturar áreas do conhecimento e práticas sociais a partir de uma perspectiva particular (FAIRCLOUGH, 2003). Esses modos recebem o nome de “discursos particulares”, no plural, como o discurso médico, o discurso feminista, o discurso midiático, o discurso da igreja católica apostólica romana e etc. Esses discursos não podem ser considerados únicos, já não existe, por exemplo, um único discurso feminista.

Na ACD de Fairclough (2003), discurso figura por meio de três formas como parte das práticas sociais que correspondem a um modo de interação entre discurso e prática social (modos de agir, de ser e de representar) e também a um elemento que compõe as ordens do discurso (gênero, discursos e estilos). Elas são denominadas como *significados acional, representacional e identificacional*.

Por meio do *significado acional*, podemos analisar como os significados estão servindo para uma determinada ação, por meio de textos e de sua localização e realização em eventos, práticas e estruturas sociais. O *significado representacional* é o que se relaciona com o discurso sendo tratado, segundo Fairclough (2003), como uma forma particular de representar alguma parte do mundo, que pode ser observada, identificada e nomeada por meio de análises. O *significado identificacional* relaciona-se aos aspectos discursivos dos modos de ser (estilos), juntamente aos procedimentos de identificação no texto, que ocorrem não apenas linguisticamente, mas também por meio de uma relação dialética entre discurso e prática social.

DIÁLOGO E INTERAÇÃO

Gouveia (2013) corrobora a posição de Fairclough (2003), ao afirmar que a linguagem é socialmente constituída por meio das manifestações discursivas. Por compreender que a materialidade linguística é a responsável por constituir situações, identidades sociais e relações entre pessoas e grupos sociais por meio do discurso, Fairclough (2003) utiliza das concepções teóricas da LSF (HALLIDAY, 1985; 1994), resignificando-as para os pressupostos críticos.

Teorizada pelo linguista inglês Michael A. K. Halliday (1985; 1994), a Linguística Sistêmico-Funcional (doravante LSF) é um modelo de análise que compreende a língua enquanto escolha. Por seu foco principal ser o uso da língua na interação entre as/os falantes, a LSF é considerada uma vertente teórica de oposição aos estudos formais de teor mentalista. Além de influenciar estudos de diversas áreas do conhecimento humano, como o trabalho de letramento visual (KRESS e VAN LEEUWEN, 1996), a LSF tem contribuído com o desenvolvimento de programas de treinamento de empresas e alfabetização de alunas/os de educação primária e secundária australiana (CUNHA e SOUZA, 2011).

O principal foco da LSF é a compreensão e descrição da linguagem em funcionamento como um sistema de comunicação humana dentro de um contexto de uso. Nessa esteira, a língua organiza-se por meio de duas possibilidades alternativas: a cadeia (sintagma) e a escolha (paradigma). O termo “sistêmica” refere-se às redes de sistema da linguagem, como o sistema da transitividade. Por sua vez, o termo “funcional” diz respeito às funções da linguagem, que são usadas para produzir significados em uma cadeia de enunciados. Dessa forma, a LSF considera que as escolhas entre os termos do paradigma produzem significados que, nem sempre, são conscientes.

Halliday e Hasan (1989) considera *texto* como uma instância da linguagem que está exercendo algum papel em um determinado contexto de situação. Por meio das escolhas das palavras e estruturas, a unidade de sentido do texto é formada. Nesse viés, o texto, falado ou escrito, é uma entidade semântica que constitui um processo (movimento a escolhas contínuas de significados potenciais) e um produto (armazenado, retomando pelo interlocutor ou locutor). Além disso, o texto também é compreendido como uma unidade funcional, ou seja, um evento interativo em que o

DIÁLOGO E INTERAÇÃO

emprego da língua em algum contexto promove intercâmbio social de significado (HALLIDAY e HASAN, 1989).

Para Butt et al. (2001, p. 2), as escolhas linguísticas são influenciadas pelo contexto de uso, mesmo que inconscientemente. O autor argumenta que o texto — produto autêntico de interação social — ocorre por meio de dois contextos, um dentro do outro: o *contexto de cultura*, em que as/os falantes e ouvintes usam a linguagem, e o *contexto de situação*, que são imediatos, específicos e que são compreendidos como o ambiente de enunciação. É no contexto de situação que estão as características extralinguísticas do texto. Por isso, esse ambiente leva em consideração as descrições linguística e cultural, pois muitos aspectos linguísticos podem não ser compreendidos se estiverem desvinculados da descrição cultural.

Para Halliday (1985), três metafunções constituem os propósitos principais da linguagem: *interpessoal*, *ideacional* e *textual*, que ocorrem de forma simultânea nos textos. Por meio delas, é possível compreender como o discurso é organizado. Para Papa (2008), essas três metafunções fornecem explicações do uso da língua partindo das necessidades e propósitos dos falantes em variados contextos de situação.

A *metafunção interpessoal* é a característica que a língua tem de estabelecer trocas e relações entre interlocutor e receptor, cujos papéis são estabelecidos por meio da interação. Por sua vez, a *metafunção ideacional* se relaciona com a possibilidade que a linguagem oferece de falar sobre o mundo, transmitindo e expressando ideias. Por fim, a *função textual* relaciona-se à variável de registro (Modo) e se expressa por meio da ordem constituinte da oração, atribuindo significado à mensagem. Como objeto de nosso interesse, tratamos mais especificamente da *função ideacional* da linguagem, que relaciona-se com o *significado representacional* conceituado por Fairclough (2003).

Halliday (1994) afirma que o falante/escritor organiza no evento comunicativo a maneira que melhor expressa os sentidos que pretende dar ao que está falando/escrevendo. Para isso, ele utiliza de categorias como a transitividade que, para o autor, é construída por meio do fluxo da experiência em sentidos. Cada preposição no sistema verbal de transitividade consiste em três elementos: o processo (elemento central), os participantes e a circunstâncias (de caráter opcional).

DIÁLOGO E INTERAÇÃO

Os participantes do processo são as entidades envolvidas, que podem ser pessoas, seres animados ou inanimados. As circunstâncias são as informações adicionais atribuídas aos diferentes processos, que são as noções de tempo, modo, causa, lugar e outros. Em relação aos processos, eles podem se referir ao que está acontecendo no todo da oração ou à parte da proposição apresentada no sintagma verbal. Os processos são divididos em material, mental e relacional (principais), e verbal, comportamental e existencial (secundários).

Os processos materiais são representações de ações concretas/físicas, que abrangem as mudanças no mundo material, podendo ser comprovadas, vistas ou percebidas. Os processos mentais, em contrapartida, são processos que refletem atividades no mundo da mente, podendo ser de percepção, de cognição ou de afeição. Por sua vez, os processos relacionais são aqueles que expressam a noção de ser ou estar.

Os processos verbais são aqueles relacionados ao “dizer” e contribuem para a construção da narrativa. Os processos comportamentais são as ações fisiológicas humanas (“acordar”, “tossir” e etc.). Por fim, os processos existenciais são aquelas que constroem a existência de algo.

Neste trabalho, será analisado o significado representacional — função ideacional para Halliday (1994) — das instâncias discursivas dos professores participantes da pesquisa, por meio da *interdiscursividade*. Com essa categoria, é possível observar que um mesmo fato pode ser apresentado por meio de diferentes discursos, em uma relação dialógica que pode ser de cooperação ou antagonismo. O vocabulário é considerado o mais evidente dos traços para diferenciar discursos, pois, segundo Resende e Ramalho (2006), os diferentes discursos lexicalizam o mundo de formas diferentes. Dessa forma, objetivando compreender as escolhas lexicais dos docentes em seus enunciados, a Linguística Sistêmico-Funcional será utilizada também como instrumento analítico.

4 Contexto da pesquisa

Os dados analisados neste trabalho foram coletados durante um curso de formação contínua sobre diversidades, por meio da técnica de observação participante e entrevistas. O curso teve como título “Diversidades e opressões no contexto escolar” e foi iniciado no mês de março de 2015, com um total de 40 horas e ministrado pelo docente Márcio Evaristo Beltrão e supervisionado pela Profa. Dra. Solange Maria de Barros, com o apoio da Secretaria de Educação do Estado de Mato Grosso (SEDUC-MT), por meio do Centro de Formação de Professores de Barra do Garças-MT (CEFAPRO). Foram um total de 20 encontros divididos em 2 semanais de 2 horas cada, que ocorreram na própria instituição escolar, das 17:00h às 19:00h, durante os meses de março, abril e maio.

Os docentes participantes deste trabalho foram escolhidos levando em consideração o discurso de constituição familiar presentes em seus enunciados. Foram utilizados os pseudônimos de Sérgio e Elvis para identifica-los na pesquisa. Ambos participaram do curso de forma assídua e bastante participativa, não se inibindo em momentos de discussão.

Durante os debates e discussões que ocorreram no curso, foram selecionadas as falas dos professores que integram o *corpus* deste trabalho por meio da observação-participante. A técnica de observação exige do pesquisador uma definição sobre o grau de observação e participação no contexto pesquisado. Schwartz e Schwartz (1955) distinguem os papéis do “observador passivo” em relação ao “observador ativo”.

Enquanto o primeiro interage o mínimo possível com os participantes da pesquisa, o segundo busca uma maior interação, integrando seu papel com outros papéis dentro do contexto social de que participa. Ele age como modificador do contexto e, ao mesmo tempo, como receptáculo de influências do mesmo contexto observado. Por ministrar o curso de formação continuada e interagir com os participantes nos momentos da discussão — agindo de forma a “provocar” debates pertinentes aos objetivos da pesquisa —, optamos pelo perfil de observador ativo.

De acordo com Fairclough (2001), as entrevistas possibilitam ao/à pesquisador/a obter outras interpretações e observar a consciência ou não de investimento ideológico em convenções discursivas particulares. Dessa forma, após o curso sobre diversidades e opressões no contexto escolar, foram realizadas entrevistas semiestruturadas, objetivando observar os possíveis reflexos dos estudos na opinião dos/as professores/as participantes acerca de temas como homossexualidade e homofobia, assim como, perceber quais discursos prevalecem em suas falas, por meio da categoria interdiscursividade do significado representacional do discurso (FAIRCLOUGH, 2003).

5 Análise dos Dados

Na oitava semana do curso, foi trabalhado o texto “Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista”, de Guacira Lopes Louro (1997). Nessa etapa do curso, os/as professores/as já haviam estudado e discutido textos sobre emancipação humana, ensino crítico-reflexivo e opressões no ambiente escolar. Após a apresentação dos principais assuntos do texto, os docentes refletiram sobre as questões de gênero e sexualidade no contexto em que eles vivem. Nesse momento, o professor Sérgio fez o seguinte comentário:

- (1) Tipo, como eu *explicaria* para o meu filho de 4 anos dois homens beijando na boca?
- (2) Eles não são um casal, sabe?
- (3) Ou uma família também, porque eles são do mesmo sexo.

No primeiro enunciado, Sérgio é o participante Dizente que utiliza o processo verbal ‘*explicaria*’ para expressar uma relação simbólica construída na consciência humana e realizada por meio da linguagem em forma de pergunta. Nessa instância interativa, o participante Receptor é o filho do professor e o participante Verbiagem é aquilo que foi dito, ou seja, ‘*dois homens beijando na boca*’. Observa-se que o questionamento do docente ocorre por ele não analisar como algo comum dois homens trocarem carícias.

Nos enunciados 2 e 3, Sérgio expõe sua visão de mundo sobre homens que possuem relacionamentos afetivos . A polaridade negativa ‘*não*’ e o processo relacional identificador ‘*são*’ fazem uma ligação entre o participante Característica ‘*eles*’ e o participante Valor ‘*casa*’ no enunciado 2 e o participante Valor ‘*Família*’ no enunciado 3. Percebe-se, então, que o significado representacional presente em seus enunciados, ou seja, a representação de mundo do docente é que casais homoafetivos não podem ser considerados legítimos. O professor não identifica pessoas do mesmo sexo como um casal ou uma família. Essa visão é reforçada no enunciado seguinte do docente:

- (4) Duas pessoas do mesmo sexo não podem gerar filhos
- (5) e mesmo que adotem, não é a mesma coisa.
- (6) Não são famílias.

Por meio da polaridade negativa ‘*não*’, é negada ao participante Comportante ‘*duas pessoas do mesmo sexo*’ o processo comportamental ‘*gerar*’, com o sentido influenciado pelo modalizador ‘*podem*’. O docente reforça no segundo enunciado que não compreende a adoção de filhos por casais homoafetivos como algo legítimo, com o mesmo valor afetivo de uma família formada por um casal de heterossexuais e seus filhos. O processo relacional identificador ‘*é*’ faz uma ligação entre a polaridade negativa ‘*não*’ e sua visão de mundo sobre o fato supracitado (‘*a mesma coisa*’, ou seja, ‘*gerar filhos*’). Como forma de enfatizar sua visão de mundo, Sérgio encerra sua fala argumentando de forma direta por meio do processo relacional ‘*são*’ que não considera que casais homoafetivos formem uma família.

Em uma análise interdiscursiva, observa-se a presença do discurso heteronormativo dialogando de forma harmônica com o discurso de família nuclear. Ao afirmar que ‘*não teria como explicar que era um casal*’, o sujeito reforça a lógica heteronormativa de que apenas pessoas heterossexuais constituem um casal, sendo impensável outra formação do mesmo. O discurso de família nuclear aparece na fala de Sérgio por meio da afirmação ‘*ou uma família também, porque eles são do mesmo sexo*’.

Ao reforçar que ‘*duas pessoas do mesmo sexo não podem ter filhos e mesmo que adotem, não é a mesma coisa*’, Sérgio reforça o preconceito contra um fator

DIÁLOGO E INTERAÇÃO

importante para as pessoas homossexuais que buscam constituir uma família: a adoção de filhos/as. Muitas crianças e jovens, cujos pais e/ou mães são homossexuais, são discriminados, principalmente no ambiente escolar. Miskolci (2012) discute essa questão ao afirmar que a LGBTfobia também atinge familiares e amigos/as de homossexuais, além de pessoas heterossexuais que possuam trejeitos homossexuais.

Durante as discussões desse encontro, vários/as professores/as cursistas mostraram uma visão contrária à de Sérgio sobre família, afirmando que a instituição familiar está acima de gêneros, sexualidades e laços sanguíneos, citando exemplos de casais homoafetivos conhecidos por eles/as. O docente fazia gestos de contrariedade enquanto os/as outros/as professores/as comentavam, balançando o rosto para os lados e, às vezes, desviando a atenção para o seu aparelho celular.

Na entrevista realizada no fim do curso, retomei essa questão com o professor, que fez o seguinte comentário:

- (7) O meu conceito de família ainda é extremamente tradicional.
- (8) Não creio que seja possível formar uma família com sexualidades iguais, devido à impossibilidade biológica de gerar filhos.
- (9) Eu sei que existe adoção e tal, mas ressalto a importância da figura materna e paterna para essa criança (adotada), que, no caso, fica comprometida. (Entrevista, em 13 de maio de 2015).

Novamente, o discurso de família nuclear está presente na fala do professor, por acreditar que as figuras materna e paterna são as que constituem a instituição familiar, desconsiderando os casais homoafetivos e outras formas de união que também podem constituir famílias. Mesmo após todas as leituras, reflexões e discussões ocorridas durante o curso, Sérgio prossegue com a crença de que indivíduos homossexuais não podem constituir uma família devido à impossibilidade de ambos gerarem filhos/as juntos.

O processo relacional 'é' juntamente com o advérbio de intensidade '*extremamente*' sinalizam para uma alta convicção por parte do professor sobre o conceito de família. A escolha lexical '*tradicional*' denota que ele possui consciência de que sua compreensão sobre família não é a apresentada atualmente. Seu entendimento de que uma família deve ser constituída por pai, mãe e filho/a(s) é

DIÁLOGO E INTERAÇÃO

ênfatizada ao afirmar que, caso falte a figura paterna ou materna, a criação da criança pode ficar ‘*comprometida*’.

Para Fairclough (2001), todo discurso é um elo na cadeia da comunicação, em que cada discurso é constituído por partes de outros discursos. Na instância analisada, o discurso LGBTfóbico não está presente explicitamente. Todavia, o discurso de família nuclear remete ao da LGBTfobia, pois, ao não considerar que casais do mesmo sexo possam constituir uma família, o sujeito pode estimular, por meio de sua prática discursiva, atos de discriminação tanto contra os casais homoafetivos quanto contra seus/suas filhos/as, favorecendo o fortalecimento da LGBTfobia em nossa sociedade.

O discurso de família nuclear apresentado pelo professor é muito comum em segmentos da mídia, como a publicidade. É recorrente a apresentação da família constituída por pais, mães e filhos/as — “família de margarina” — em propagandas impressas ou transmitidas nos canais de TV. Um caso recente de comercial que buscou ir contra essa lógica heteronormativa, apresentando casais homoafetivos, foi a propaganda da rede de cosméticos O Boticário para o dia dos namorados do ano de 2015, que sofreu forte repressão por vários segmentos sociais, como políticos e religiosos. Segundo Fairclough (2001), a publicidade possui um discurso estratégico por excelência, capaz de construir ‘imagens’, como forma de posicionar pessoas, organizações e mercadorias, construindo identidades para elas.

Elvis não comentou sobre o assunto “família” durante as discussões nos encontros, porém, respondeu ao questionamento do professor formador Márcio na entrevista realizada ao fim do curso sobre como ele analisa o conceito de família atualmente.

- (1) Vejo que gays podem constituir uma família sim.
- (2) Eu fui criado por uma mulher sozinha e nem por isso me tornei uma mulher.
- (3) Então, gays criarem crianças não significam que elas vão ser gays também.
- (4) Mas... Eu confesso que não consigo me desprender do núcleo formado por pais e filhos, e não por avós e netos e esse tipo de coisa.
- (6) Mesmo sabendo que teríamos uma revolução social, menos prostituição infantil, menos crimes, ainda vejo que uma criança deve ser criada por um casal, independentemente de gênero e sexo.
- (7) Por ser filho de pais separados, sempre tive o sonho de ter uma família dita normal.

DIÁLOGO E INTERAÇÃO

(Entrevista, em 13 de maio de 2015).

Com o processo mental *'vejo'*, o professor aponta que, para ele, casais homossexuais — indicados pelo termo *'gays'* — podem constituir a instituição familiar. Ele utiliza como exemplo para justificar sua afirmação o fato de que ter sido criado apenas por sua mãe (*'mulher sozinha'*) não determinou seu gênero e sexualidade (*'nem por isso me tornei mulher'*). Entretanto, a opinião expressa pelo docente não é unânime em nossa sociedade. O fato de que casais homoafetivos podem influenciar a orientação sexual da criança adotada e que ela sofreria discriminações socialmente por ser vista com dois pais ou duas mães são argumentos bastante utilizados por quem não compreende as uniões homoafetivas.

Após expor sua opinião sobre a constituição de família por casais homossexuais, Elvis utiliza a conjunção coordenativa adversativa *'mas'* para uma indicar sua visão acerca da instituição familiar. Na LSF (HALLIDAY, 1994), essa palavra é considerada um elemento projetante, que indicada o teor da oração projetada (no caso, contrapondo à opinião expressa anteriormente).

Ao afirmar que não consegue *'se desprender do núcleo formado por pais e filhos'*, o sujeito expõe uma compreensão de família que não compreende a constituição familiar pós-moderna. São várias as formas em que as famílias se constituem em nossa atual sociedade, podendo ser formadas por irmãos/irmãs (sem a presença dos pais), pelos/as filhos/as criados/as apenas pelo pai ou pela mãe, por casais homoafetivos, por apenas avôs/avós e netos/as, dentre tantos outros. Pereira (1988), já na década de 80, apontava que uma família é constituída por aqueles que experimentem a convivência do afeto, da veracidade, da liberdade e da responsabilidade mútua, o que pode ser considerado, segundo o autor, em um passo importante para a correção das injustiças sociais.

Em seu quinto enunciado, o professor seleciona o modalizador *'deve'* e o processo relacional *'ser'* para reforçar a sua compreensão de família, afirmando que uma *'criança deve ser criada por um casal'*. Contudo, ele não determina que o casal seja constituído por um homem e uma mulher. Com a Circunstância de modo *'independentemente'*, é ressaltado em sua fala que o gênero e o sexo do casal não são fatores que impossibilitem a constituição familiar.

DIÁLOGO E INTERAÇÃO

Dois discursos dialogam de forma conflituosa em seus enunciados: o discurso de família nuclear (*'tradicional'*) e o discurso de família pós-moderna. O professor considera que um casal homoafetivo pode constituir uma família (discurso de família pós-moderna), entretanto, ainda possui traços ideológicos do discurso de família nuclear ao compreender a instituição familiar formada apenas por um casal e filhos/as. É importante ressaltar que, ao compreender que esse casal possa ser homoafetivo, o discurso de família nuclear não amalgama toda a sua fala, pois, nessa visão heteronormativa, o casal seria constituído por um homem e uma mulher. Todavia, ao entender que outras formas de família, como as formadas apenas *'por avós e netos'*, não podem ser constituídas, traços de um posicionamento tradicional permeiam o seu enunciado.

O fato de Elvis ter sido criado apenas por sua mãe (sem a presença do pai) pode ter influenciado seu posicionamento acerca da instituição familiar. Com os processos relacionais *'tive'* e *'ter'*, ele declara que sempre almejou possuir uma *'família dita normal'*. O termo *'normal'* se relaciona ao modelo de família nuclear formada por um casal e filhos. Entretanto, o *'sonho'* de poder ter uma família em moldes tradicionais não impossibilitou o docente de repensar novas formas de constituir esse casal, como por pessoas do mesmo sexo. Seu posicionamento acerca desse assunto denota indícios de uma postura emancipatória.

6 Considerações Finais

Em seu posicionamento inicial perante a concepção da instituição familiar, Sérgio argumentou que família é algo formado por um casal constituído por um homem e uma mulher, não considerando outras formas de união, como as homoafetivas. Na entrevista realizada no fim do curso, é possível perceber que o docente manteve seu posicionamento sobre o conceito de família, mesmo após as leituras, discussões e problematizações realizadas com seus/suas colegas.

O docente permaneceu com a sua concepção de que casais homoafetivos não podem constituir famílias, pois, segundo ele, é importante que toda criança seja criada por um pai e uma mãe. Por sua vez, em relação aos enunciados de Elvis, observa-se

que, apesar de respeitar as diversas formas de constituição de família, ele ainda possui traços ideológicos de família nuclear em seus enunciados mesmo após os encontros do curso.

Apesar de ambos permanecerem com traços ideológicos relacionados à concepção nuclear de família, é importante ressaltar que os professores tiveram a oportunidade de ler, discutir e debater o assunto em um curso sobre diversidades sexuais e que houve desestabilizações nos enunciados de Elvis. As concepções de ambos construídas ao longo dos anos não poderiam ser desconstruídas em apenas alguns encontros do curso, pois foram solidificadas por meio dos inúmeros exemplos de família nuclear que fizeram parte da vida de cada um. Contudo, ao observar novos modelos de família, um dos docentes (Elvis) repensou sua forma de ver a instituição familiar ao reconhecer outras formas de constituir casais que não sejam as heterossexuais, o que indica início de uma postura emancipatória.

Por meio das instâncias discursivas analisadas neste trabalho, observa-se que, apesar de alguns professores prosseguirem com suas visões hegemônicas sobre constituição familiar, outros podem ter seus posicionamentos desestabilizados, repensando posturas tidas até então como legitimadas. Mesmo não sendo o foco principal do curso, o assunto família foi debatido e proporcionou importantes reflexões a todos/as os/s professores/as cursistas. Nesse viés, percebe-se a importância de grupos de estudos e cursos que tratem de temas relacionados a questões de gênero e sexualidade no ambiente escolar, pois podem não apenas desestabilizar visões naturalizadas relacionadas ao assunto, mas também favorecer novas formas de pensar o ensino, pautando-se em uma pedagogia mais igualitária.

Referências

BUTT, D.; FAHEY, R.; FEEZ, S.; SPINKS, S.; YALLOP, C. *Using Functional Grammar: An Explorer's Guide*. Sydney: *National Centre for English Language Teaching and Research*, Macquarie University, 2001.

CHOULIARAKI, L., FAIRCLOUGH, N. *Discourse in late modernity: rethinking Critical Discourse Analysis*. Edinburgh: Edinburgh University, 1999.

CUNHA, M. A. F. da; SOUZA, M. M. de. *Transitividade e Seus Contextos de Uso*. Coleção Leituras Introdutórias em Linguagem. Vol. 2. São Paulo: Cortez Editora, 2011.

DIAS, Maria Berenice. *Vínculos hetero e homoafetivos*. Disponível em: <http://www.armariox.com.br/conteudos/artigos/018_vinculos.php> Acesso em: 18 abr. 2019.

FACCHINI, R. Entre Compassos e Descompassos: um olhar para o “campo” e para a “arena” do Movimento LGBT brasileiro. *Revista Bagoas*. n. 04. Natal: UFRN, 2009.

FAIRCLOUGH, N. *Language and Power*. London: Longman, 1989.

_____. *Discourse and Social Change*. Cambridge: Polity Press, 1992.

_____. The discourse of new labour: Critical Discourse Analysis. In: M. WETHERELL, S. TAYLOR & S. J. Yates (eds.) *Discourse as data: a guide for analysis*. London: Sage, 2001.

_____. *Analysing discourse: textual analysis for social research*. 1st. ed. London: Routledge, 2003.

_____. *An introduction to functional Grammar*. London: Edward Arnold. 2^a ed., 1994.

FAIRCLOUGH, N.; WODAK, R. Critical discourse analysis. In: T. Van DIJK (Hg.): *Discourse Studies: A Multidisciplinary Introduction*. vol. 2. London: Sage, 1997.

GOUVEIA, C. A. M. Análise Crítica do Discurso: dimensões teóricas e metodológicas. In: *Estudos de homenagem a Arnaldo do Espírito Santo*. Lisboa: Centro de Estudos Clássicos, 2013.

HALL, D. E. *Queer Theories*. Londres: Palgrave, 2003.

HALLIDAY, M. A. K. *An introduction to Functional Grammar*. London: Edward Arnold, 1985.

_____. *An introduction to functional Grammar*. 2. ed. London: Edward Arnold, 1994.

_____. HASAN, R. *Language, context and text: aspects of language in a social-semiotic perspective*. Oxford: Oxford University Press, 1989.

KRESS, G.; VAN LEEUWEN, T. *Reading images: the grammar of visual design*. London; New York: Routledge, 1996.

LÔBO, Paulo Luiz Neto. *Princípio jurídico da afetividade na filiação*. Disponível em: <<http://www.jus.com.br/doutrina/afetfili.html>>. Acesso em: 08 fev. 2009.

DIÁLOGO E INTERAÇÃO

LOURO, G. L. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis: Vozes, 1997.

MISKOLCI, Richard. *Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças*. 2. ed. ver. e ampl. Belo Horizonte: Autêntica Editora: UFOP, 2012.

RAMALHO, V. C. V. S. Constituição da Análise de Discurso Crítica: um percurso teórico metodológico. In: *Signótica*, v. 17, n. 2, jul./dez. 2005. p. 275-298

RESENDE, V. de M.; RAMALHO, V. *Análise do discurso crítica*. São Paulo: Contexto, 2006.

SCHWARTZ, M. S.; SCHWARTZ, C.G. Problems in participant observation. *American Journal of Sociology*, 60, 1955.

PAPA, S. M. *Prática pedagógica emancipatória: O professor reflexivo em processo de mudança*. São Carlos (SP): Pedro & João, 2008.

PEREIRA, S. G. *Tendências modernas do direito de família*. RT, v. 628, p. 19 – 39, fev. 1988.

VIEIRA, L. A família entre o Moderno e o Pós-moderno. In: *Revista Ciência Hoje*. v. 19. n. 114. Rio de Janeiro-RJ, 1995.

Recebido em: 01/10/2018.

Aprovado em: 10/12/2019.